



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

NOTAS SOBRE A REESCRITA DE UM CLÁSSICO: ALGUNS ASPECTOS DA PRODUÇÃO DE *LA GUERRA DEL FIN DEL MUNDO*

Leonardo Guimarães Leite*

1

Em 1981, o jornal *Herald tribune*, um dos mais influentes jornais da Europa, escreve uma nota sobre o mais recente trabalho do escritor peruano Mario Vargas Llosa: “é ao mesmo tempo, um grande trabalho literário, uma história de aventura e um drama histórico”.¹ Referia-se com isso ao romance *La guerra del fim del mundo*² (1981), que começou a ser pensado por Vargas Llosa, em meados da década 1970. A partir disso, Vargas Llosa “enfeitiçado” pela temática da Guerra de Canudos (1896-1897) e pela leitura de *Os Sertões* (1902), decide escrever um livro sobre um dos acontecimentos mais impressionantes da história brasileira.

Contudo, para Vargas Llosa, escrever sobre um tema tão caro à história brasileira, configurou-se em uma tarefa árdua e bastante complicada. Na construção de *La guerra del fim del mundo*, considerada pelo próprio autor na época de publicação,

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local UNEB- Campus V. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: caloleo@bol.com.br.

¹ Ver matéria da revista *Veja*, *Canudos renasce com a guerra do fim do mundo*. São Paulo, n. 688, p. 84-92, 11 de nov. 1981.

² Traduzido para o português como *A guerra do fim do mundo: a saga de Antônio Conselheiro na maior aventura literária de nossa época*. Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro Francisco Alves Editora, 1982.

como sua melhor obra, uma das maiores dificuldades foi recontar uma história que já havia sido contada várias vezes e de diversas maneiras. Mas essa nova tarefa, tinha um significado especial para o romancista peruano: escrever um romance que já planejava desde o início da sua empreitada como escritor: “*um romance de aventuras, em que a aventura fosse o principal- não a aventura puramente imaginária, mas com raízes muito fortes numa problemática histórica e social*”.³

Pretendemos nesse texto, discutir alguns aspectos relacionados ao processo de elaboração da novela de Vargas Llosa, que tematiza a Guerra de Canudos (1896-1897), um dos principais episódios da história republicana brasileira, e utiliza como principal intertexto a clássica obra de Euclides da Cunha (1866-1909) *Os Sertões*. Ademais, *La guerra del fin del mundo* configurou-se como a primeira obra de Vargas Llosa na qual o contexto e as personagens situam-se para além da realidade do Peru, seu país natal. Na sequência, analisaremos algumas das motivações ideológicas, políticas e artísticas do escritor peruano, buscando estabelecer um diálogo acerca do procedimento metodológico utilizado em seu romance histórico. Intentamos por fim, problematizar a importância de *Os Sertões*, e *Um místico brasileiro* (1919) de Robert B. C. Graham (1852-1936), para a construção da novela de Vargas Llosa, principalmente, no que concerne a construção do personagem principal da história da Guerra de Canudos, Antônio Conselheiro.

2

VARGAS LLOSA E CONSTRUÇÃO DE *LA GUERRA DEL FIN DE MUNDO*: CANUDOS, UM EVENTO LITERÁRIO LATINO-AMERICANO

Mario Vargas Llosa configura-se na atualidade como um dos mais notáveis escritores do mundo. Juntamente com Gabriel Garcia Márquez, Júlio Cortazar e Carlos Fuentes, foi um dos principais expoentes da chamada literatura do boom latino-americano das décadas de 1960 e 1970. No ano de 2010, venceu o Prêmio Nobel de Literatura “*por sua cartografia de estruturas de poder e suas imagens vigorosas sobre a resistência, revoltas e derrota individual*”.⁴ Nascido no Peru em 1936, na cidade de

³ Ver SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.37.

⁴ Ver site <http://oglobo.globo.com/cultura/mario-vargas-llosa-ganha-nobel-de-literatura-2942885>, último acesso 20\12\2011.

Arequipa, além de escritor, Vargas Llosa também é jornalista, ensaísta, dramaturgo, crítico literário, e professor de literatura em universidades norte-americanas e europeias. Publicou várias obras, a maioria constituindo sucesso de crítica e venda inclusive no Brasil, a exemplo de *La casa verde* (1966), *Conversación en la Catedral* (1969), *Pantaleón y las visitadoras* (1973) e *o El hablador* (1987).

No início da década de 1970, Vargas Llosa foi convidado pela Paramount de Paris, para ser roteirista de um filme que seria dirigido pelo cineasta moçambicano Ruy Guerra, -um dos grandes expoentes do Cinema Novo- sobre a história de um acontecimento que tivesse alguma ligação com a polêmica Guerra de Canudos que havia se desenrolado no sertão da Bahia no final do século XIX e que, até aquele momento, era desconhecido pelo escritor peruano. O filme acabou não se concretizando - apesar de uma pré-produção já bem encaminhada, se chamaria *La guerra particular* ou *Los papeles del infierno*- mas, completamente “enfeitiçado” pela temática da Guerra de Canudos e pela leitura de *Os Sertões*, Vargas Llosa continuou pesquisando e estudando sobre o tema e decidiu escrever um livro sobre esse acontecimento que ao longo dos anos sofreu várias interpretações de diferenciados grupos e indivíduos.

No ano de 1979, entre os meses de Agosto e Setembro, na companhia de Renato Ferraz, antropólogo e um grande conhecedor do sertão baiano, Vargas Llosa, percorrendo o interior da Bahia e de Sergipe, seguiu as pegadas e o rastro por onde o Conselheiro havia passado a cerca de cem anos atrás. O escritor peruano chega a relatar em entrevista concedida ao jornal *A Tarde*, que visitou cerca de vinte e cinco povoados onde Conselheiro esteve, (onde realizou diversas entrevistas) e que esta viagem foi definitiva para dar prosseguimento ao processo de escrita seu romance,

(...) Você não sabe o que foi para mim chegar ali perto onde foi o cenário da grande batalha da guerra, onde está a cruz que ficava na igreja de Canudos. (...) Você não sabe o que foi para mim chegar ali. Eu estava há dois anos trabalhando nisso, e era como se minha fantasia se estivesse materializando. Até ali, o trabalho de escrever tinha sido angustiante. Mas dali até terminar o livro, que foram mais dois anos, trabalhei com um enorme entusiasmo, dez, doze horas por dia.⁵

⁵ Ver: SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. 1986. p.42-43.

Nesse mesmo ano, o jornal *A Tarde* do dia 6 de Setembro publicou uma matéria sobre Vargas Llosa e a produção de seu romance intitulada: *Vargas Llosa poderá lançar na Bahia seu livro sobre Canudos*.⁶ Esse artigo revela detalhes interessantes da passagem de Vargas Llosa pela Bahia, e sua importância para entendermos alguns aspectos da produção de seu romance sobre Canudos. Essa matéria explicita que no ano de 1979, Vargas Llosa já tinha um rascunho de 900 páginas e que sua visita à Bahia depois de dois anos de estudos e elaboração de *La guerra del fin del mundo*, contribuiu muito, para lhe dar mais segurança ao escrever a redação final do livro

De qualquer modo, achei de suma importância vir à Bahia para me integrar no ambiente histórico, físico e social de Canudos. Não que seja um livro histórico, longe disso, mas quero me situar, me sentir seguro quando estiver fazendo a redação final do romance em torno de Antônio Conselheiro.⁷

Mesmo Vargas Llosa afirmando nessa entrevista ao periódico baiano, que não queria escrever um “livro histórico” nesse projeto e, por isso, não tinha nenhum compromisso com a verdade, antes, sua intenção era mesmo inventar, mentir - ideia que ele repete em todas as suas entrevistas e falas quando se refere *La guerra del fin del mundo*- seu procedimento metodológico muito se aproxima ao do historiador.

Esse empreendimento significou quatro anos de estudos no qual ele teve que ler documentos históricos,⁸ e uma centena de trabalhos realizados sobre o tema, além de ter que se debruçar sobre um dos maiores clássicos da literatura brasileira: *Os Sertões*. Segundo o próprio Vargas Llosa, a leitura do “livro vingador” de Euclides, provocou-lhe uma grande emoção - só comparada à leitura de *Os três Mosqueteiros* na infância e

⁶ *A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

⁷ *A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

⁸ Vargas Llosa foi financiado por duas instituições norte-americanas de amparo a pesquisa, a *Tinker* e o *Wilson Center*. Esta última instituição por exemplo, financiava pesquisas em todas as áreas do conhecimento, e forneceu a Vargas Llosa, as condições materiais necessárias para o desenvolvimento e término de seu livro, uma espécie de mecenato, onde o escritor peruano contou com várias regalias (alimentação, moradia, e até uma secretária para lhe auxiliar). Vargas Llosa, através desse financiamento teve acesso através da Biblioteca do Congresso de Washington, a uma coleção de jornais do período republicano. Contou com a ajuda também de intelectuais brasileiros, como Jorge Amado, José Calsasans.

Guerra e Paz e Madame Bovary na fase adulta-, pois ele via naquele livro entre outros elementos, uma espécie de síntese da história da América Latina.

“(…) é como um manual de latino-americanismo, quer dizer, neste livro se descobre primeiro o que não é América Latina. A América Latina não é tudo aquilo que nós importávamos. Não é tampouco a Europa, não é a África, nem é a América pré-hispânica ou as comunidades indígenas, e ao mesmo tempo é tudo isso mesclado convivendo de uma maneira muito áspera e difícil, às vezes violenta. E de tudo isso resultou algo que muitos poucos livros antes de *Os sertões* haviam mostrado com tanta inteligência e brilho literário”.⁹

Outra importância da leitura de *Os Sertões* para o intelectual peruano foi o exemplo da concretude da escrita de um *romance total*, sua grande obsessão enquanto literato. Segundo Gutiérrez, não conseguindo escrever o livro fundacional da história peruana, escreve o brasileiro, querendo representar com isso a história do continente.¹⁰ Na estética literária vargalhosiana, faz-se presente a tentativa de recriar grandes painéis da sociedade, herança dos escritores do século XIX, como Balzac (1799-1850), Dostoiévski (1821-1881), Tolstói (1828-1910), Flaubert (1821-1880) e Vitor Hugo (1802-1885). É o que realizou na obra *La guerra del fin del mundo* onde o escritor peruano tenta esboçar um panorama geral do Brasil no final do século XIX, focalizando as realidades tanto do sertão como da capital do Estado da Bahia através de seus vários personagens (cerca de 30) e do recurso a narrativa polifônica; enfocando, principalmente, as lutas políticas que estavam sendo travadas como pano de fundo da guerra. Na tentativa de narrar a história a partir de vários pontos de vista causando o efeito enigmático, ambíguo e misterioso que mostra a complexidade de um determinado fato ou assunto que, Vargas Llosa, se aproxima dos escritos de William Faulkner (1897-1962).

Todavia, o ponto central que permeia *La guerra del fin del mundo* é a retomada da problemática norteadora do livro de Euclides: a dicotomia existente entre civilização e barbárie que permanece na América Latina até os dias atuais, segundo Vargas Llosa, e

⁹ Ver GUTIÉRREZ, Ângela. R. M. de. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Fortaleza: Sette Letras, 1996. p. 201.

¹⁰ Idem p. 201.

onde a questão do fanatismo¹¹ tem um lugar de destaque. Para o escritor peruano a obra de Euclides revela-se um manual de latino-americanismo, na medida em que mostra a difícil convivência de culturas distintas no mesmo território. Vem daí sua definição de “cultura hermafrodita” quando se refere à cultura latino-americana.

Vargas Llosa ao evidenciar a questão civilização X barbárie no Brasil do século XIX - momento em que o país passava por um grande processo modernizador - objetiva também, chamar a atenção de alguma forma para o fato de que o Peru e algumas regiões da América Latina do final do século XX, precisavam passar também por um processo de modernização. Por isso, seu retorno ao Peru em 1974 e sua posterior candidatura à presidência em 1990, portando o discurso liberal de transformar o seu país, em uma potência industrial, não se configura como surpresa. Por isso, ao lermos a obra de Vargas Llosa não podemos ser ingênuos e acreditar que esse autor utiliza a dicotomia civilização/barbárie como um empréstimo *ipisis litteris* do escrito euclidiano.

É importante salientar, que outro fator que não pode passar despercebido, quando analisamos *La guerra del fin del mundo* e sua relação de intertextualidade com *Os Sertões*, é a construção do personagem principal: Antônio Conselheiro. Diferentemente de Euclides da Cunha, que na segunda parte de *Os Sertões*, *O homem* faz toda uma descrição do homem brasileiro e nordestino, para daí, poder inserir a vida do Conselheiro e explicá-lo como representante desse contexto maior, o escritor peruano não contextualiza a vida do beato, ocultando sua origem, e sua história, técnica literária que acaba revestindo-o, em uma áurea de mistério e fanatismo,

El hombre era alto e tan flanco que parecia siempre de perfil. Su piel era oscura, sus huesos proeminentes y sus ojos ardían com fuego perpetuo. (...) Era imposible saber su edad, su procedência, su historia, pero algo habia em su facha tranquila, en sus costumbres frugales, em

¹¹ Sobre o lugar do fanatismo na obra *La guerra del fin del mundo*, não poderemos nos deter com mais profundidade nesse artigo, mas, é importante ressaltar, que Vargas Llosa entende o fanatismo como elemento característico não somente de Antônio Conselheiro e seus seguidores de Belo Monte, mas, de outros personagens como Moreira César e Galileo Gall. Cada personagem representa um tipo específico de fanatismo: Antônio Conselheiro (fanatismo religioso), Moreira César (fanatismo pelos ideais republicanos), e Galileo Gall (fanatismo pelas ideias socialistas). Ver FERNANDES, Rinaldo de. *Os Sertões na leitura de Mario Vargas Llosa: Quatro personagens de La guerra del fin del mundo*. In: O Clarin e a oração: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p.411-437

su impertubable seriedad que, na antes de que diera consejos, atraía a las gentes.¹²

Outra técnica utilizada por Vargas Llosa na construção do beato Conselheiro que pode ser entendida também como uma técnica cinematográfica, é mostra-lo, apesar de todo o mistério que o cerca, como elemento principal do romance, uma inversão que “*põe o homem na frente da paisagem*”.¹³ De acordo com Tarcisio do Rego outra inversão realizada por Vargas Llosa, em relação a *Os Sertões*, é a minuciosa descrição que o escritor peruano faz da biografia dos seguidores do Conselheiro,¹⁴ destacando a miséria de suas vidas antes de conhecer o profeta sertanejo e a glória e redenção dos mesmos quando se convertem ao ouvirem suas palavras.

Completado essa ideia, Rinaldo de Fernandes, aponta ainda, que o Conselheiro de Vargas Llosa vai transformando-se num personagem bastante complexo, “*personalidade de tipo de especial*”, que só poderá ser entendido se levarmos em consideração a biografia de seus seguidores.¹⁵ Em cada biografia que Vargas Llosa faz de seus fiéis seguidores como Antônio Beatinho, Leão de Natuba e Pajeú, percebemos de alguma forma a presença da personalidade e da vida de Conselheiro marcada como a vida de muitos sertanejos, por várias dificuldades, onde a religião passa a ter um papel central na mudança de suas vidas acrescentando-lhes, muitas virtudes.

O escocês, Robert Cunninghame Graham foi outro estrangeiro que escreveu sobre a vida de Antônio Conselheiro publicando em 1920 o ensaio intitulado *A Brazilian Mystic: Being the Life and Miracles of Antônio Conselheiro (Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro)*. Nessa obra que pode ser lida como uma tradução resumida de *Os Sertões* em língua inglesa, Cunninghame Graham, esboça uma imagem que caracteriza o líder de Belo Monte, um pouco diferente de Euclides, como um místico, devido ao conteúdo de seus sermões e suas condutas ascéticas classificando-o assim, como o escritor brasileiro, como um indivíduo a margem da

¹² Ver LLOSA, Mario Vargas. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1981. p.15.

¹³ Ver REGO, Tarcisio Gomes do. *Vargas Llosa reescreve Euclides: uma proposta de Brasil*. Dissertação de Mestrado- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2010. .p. 66.

¹⁴ Idem p.66.

¹⁵ Ver FERNANDES, Rinaldo de. *Os Sertões na leitura de Mario Vargas Llosa: Quatro personagens de La guerra del fin del mundo*.p.412.

civilização. Outra herança euclidiana partilhada por Graham é a vinculação de sua imagem ao gnosticismo.¹⁶Se em *Os Sertões*, Conselheiro aparece como *gnóstico bronco* em *Um místico brasileiro* ele é apresentado como o *gnóstico inconsciente*.

Assim como Vargas Llosa, Graham descreve o Conselheiro de uma forma que nunca o revela por completo utilizando em alguns momentos a técnica romanesca que preserva o tom de complexidade e mistério que cerca o líder sertanejo,

Mais que o seu precedente, *Os Sertões*, em alguns momentos, *Um místico brasileiro* apura o tom romanesco, em certo grau, poderia-se dizer que o escritor inglês ocupa os vazios ou os interstícios narrativos deixados pelo escritor brasileiro. (...) o relato contém passagens de alento épico e personagens vividos, uns e outros elevados acima da mera intenção de notificar o ocorrido. (...) o retrato físico de Antônio Conselheiro, aproxima-se e se afasta de seu mundo interior, conservando o enigma de uma identidade complexa que nunca é definida taxativamente (...)¹⁷

Apesar de sua estrutura narrativa ser incontestavelmente ensaística e muito influenciada como já destacamos pela obra-mestra de Euclides, como o destaque ao discurso da ciência dado na primeira parte do livro, *Um místico brasileiro* perpassa a categoria de ensaio sobre Canudos e biografia de Antônio Conselheiro dando importância assim como Euclides a aspectos raciais, psicológicos, culturais e históricos. Contudo, acentuando em alguns momentos características próprias do romance, principalmente nos capítulos em que descreve a vida de Conselheiro, aonde suas obras, atitudes e sermões ganham em alguns momentos o tom de mistério e mito.

Assim como Vargas Llosa, Graham descreve, ainda que de forma não tão abrangente quanto o escritor peruano, a biografia de alguns seguidores do Conselheiro, como José Venâncio, Pajeú e Lalau. Entretanto, classifica-os como “*homicidas e ladrões de gado, os homens degradados do sertão afluíam a Canudos e eram recebidos no rebanho*”.¹⁸ Em *La guerra del fin del mundo*, Vargas Llosa ao tecer algumas biografias dos jagunços, também destaca nestes alguns aspectos sombrios do seu

¹⁶ Ver ELMORE, Peter. *Renan, Euclides, Cunninghame Graham, Borges: A chave Gnóstica*. In: Discurso, Ciência e Controvérsia em Euclides da Cunha. In: BERNUCCI, Leopoldo (Org). p.106.

¹⁷ Ver ROCCA, Pablo. Prefácio a Edição Uruguiaia. In: *Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro*. In: GRAHAM, Robert. C. São Paulo: Sá Editora\ Editora da UNESP, 2002.

¹⁸ GRAHAM, Robert. C. *Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro*. p.123.

passado e sua conversão a uma nova vida quando encontram-se com o beato cearense. Por exemplo, o personagem João Grande, um negro nascido em um engenho no Recôncavo baiano, que comete um crime brutal contra a irmã de seu senhor tem a vida mudada quando se encontra com o Conselheiro.

João Grande lo estuvo escuchando, conmovido hasta los huesos por lo que oía y por la música con que venía dicho lo que oía. La figura del santo se le velaba a ratos por las lágrimas que acudían a sus ojos. Cuando el hombre reanudó su camino, se puso a seguirlo a distancia, como un animal tímido.¹⁹

Quando Graham refere-se aos seguidores de Conselheiro, percebemos na sua narrativa uma visão depreciativa e negativa “*a flor e a nata da sem-vergonhice dos jagunços chegou a Canudos para formar sua guarda pessoal*”,²⁰ mas, que não pode ser desvinculada do saber em voga, do tempo da escrita da obra, o racismo cultural.

Uma breve análise do processo de elaboração do romance *La guerra del fin del mundo*, nos permite perceber algumas particularidades que são necessárias destacar. Ao reescrever *Os Sertões*, e com isso recordar a história de Canudos, Vargas Llosa, retoma como pontuamos acima, uma problemática muito cara a história da própria América Latina, que é a questão da civilização\ barbárie. Trazer esse tema retratado por Euclides no final do século XIX, para o contexto do final da década de 1970 e início dos anos 80, é a tentativa de mostrar que esta questão não estava superada e longe de ser resolvida na América Latina. Em outras palavras, assim como Euclides da Cunha, o escritor de *La guerra del fin del mundo*, também tem motivações políticas ao retratar o episódio da Guerra de Canudos.

É importante salientar que Vargas Llosa ao longo da sua trajetória pessoal, configurou-se como um escritor conhecido por seu forte engajamento nas questões políticas da América Latina, sendo a liberdade, a principal bandeira levantada nos seus escritos. Para Vargas Llosa, somente um ambiente democrático, poderia tirar a América Latina da barbárie e habilita-la para a modernidade. Foi à ausência dessa liberdade, que levou Vargas Llosa a criticar ferrenhamente às ditaduras, e o levou na década de 70 ao desencanto com as ideias de cunho socialistas.

¹⁹ Ver LLOSA, Mario Vargas. *La guerra del fin del mundo*. p.39-40.

²⁰ GRAHAM, Robert. C. *Um místico brasileiro: vida e milagres de Antônio Conselheiro*. p.12.

Outro tema de destaque na obra *La guerra del fin del mundo* é a condenação ao fanatismo, ou melhor, aos fanatismos, visto por Vargas Llosa como uma espécie de cegueira total, que leva a distorção da realidade e causa os mais trágicos resultados. Essa é a percepção que o escritor peruano tem da Guerra de Canudos, um episódio em que um grupo de camponeses foi dizimado pelo exército brasileiro, devido, justamente a essa cegueira chamada fanatismo, que imperava em ambos os lados, e que gerou um desconhecimento mútuo, transformando-se numa guerra civil brasileira, mas, incluída também no rol das grandes tragédias e mal-entendidos da história latino-americana.

Se Antonio Conselheiro é um fanático religioso, como já foi dito, Moreira César e Galileu Gall também são ao seu modo, fanáticos ideológicos (o primeiro um fanático republicano e o segundo um fanático anarquista). Percebemos que apesar do Conselheiro de Vargas Llosa ser muito influenciado pelas concepções de Euclides, o escritor peruano diferencia-se essencialmente do brasileiro na sua construção biográfica. Como dissemos acima, se Euclides retoma todo um histórico do homem brasileiro, passando pelo relato da descendência de sua família, para poder explicar a personalidade do eremita sertanejo, Vargas Llosa, matem a áurea de mistério que o cerca, e deste modo, sua personalidade e história poderão ser encontradas nas biografias dos sertanejos que o seguem. Evidentemente esses detalhes acabam por construir um Conselheiro em muitos aspectos diferente do de Euclides, até porque, além da técnica literária utilizada ser diferente, é importante lembrar que Vargas Llosa enxerga Canudos e Conselheiro, quase cem anos à frente, munido consequentemente, de um arsenal discursivo e textual muito mais amplo que o escritor brasileiro dispunha a época.

Pretendemos investigar na pesquisa de mestrado com mais detalhes as representações de Conselheiro em Vargas Llosa, Euclides da Cunha, Graham e outros escritores, e também em falas não literárias, sendo preliminares os resultados até aqui. Por fim, percebemos que o romance de Vargas Llosa sobre a Guerra de Canudos, configura-se como um empreendimento literário bastante interessante na sua consagrada carreira de escritor. Além dos méritos estéticos e estilísticos da obra, (um romance de fôlego no estilo realista, que almejava desde o início da sua carreira) um romance total, nascida da sua insatisfação com o mundo real, e o seu desejo de criar através da escrita do romance, outro mundo, ou ainda *“formas de viver várias vidas que não pôde viver*

na realidade”²¹, percebe-se também a importância política, já que se trata também de mais um manifesto de Vargas Llosa, contra o fanatismo e a barbárie representada pelas ditaduras (seja ela de direita ou esquerda), nacionalismos, populismos, que ele entendia ser parte integrante da história da América Latina. O período da escrita de *La guerra del fin del mundo* marca ainda o início de uma nova concepção política do escritor peruano, que o levará a candidatura a presidência de seu país em 1990, onde ficará conhecido e rotulado como um liberal. Por esses e outros aspectos *La guerra del fin del mundo*, não é apenas a reescrita de um clássico, *Os Sertões*, (que só por isso lhe daria alguma notoriedade) mas, um clássico da literatura latino-americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOVO, Ana Paula. **Antônio Conselheiro – os vários**. Dissertação de Mestrado-Universidade Estadual de Campinas: São Paulo, 2007.

FERNANDES, Rinaldo de. Os Sertões na leitura de Mario Vargas Llosa: Quatro personagens de *La guerra del fin del mundo*. In: **O Clarim e a oração: cem anos de Os Sertões**. São Paulo: Geração Editorial, 2002. p.411-437.

FILHO, Joaquin Antônio de Novaes. **A reconstrução da memória de Canudos no romance realista-fantástico**. In: IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH\BA, 4., 2009, Vitória da Conquista. Anais Eletrônicos... Vitória da Conquista: Edições Uesb\ANPUH\BA, 2009.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUTIÉRREZ, Ângela. R. M. de. **Vargas Llosa e o romance possível da América Latina**. Fortaleza: Sette Letras, 1996.

MENTON, Seymour. **La guerra contra el fanatismo de Mario Vargas Llosa**.

REGO, Tarcisio Gomes do. **Vargas Llosa reescreve Euclides: uma proposta de Brasil**. Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) Faculdade de Letras, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

²¹ GUTIÉRREZ, Ângela. R. M. de. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Fortaleza: Sette Letras, 1996, p.17.

FONTES

Jornal *A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

GRAHAM, Robert. C. **Um místico brasileiro**: vida e milagres de Antônio Conselheiro. Tradução de Gênese Andrade e Marcela A. C. Silvestre- São Paulo: Sá Editora\ Editora da UNESP, 2002.

LLOSA, Mario Vargas. **La guerra del fin del mundo**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1981.

_____. **La guerra de Canudos**: Historia y ficcion. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia- nº94 (jan-dez.), 1998- Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1998. p. 79-92.

_____. **Sabres e Utopias**: visões da América Latina. Rio de Janeiro, objetiva, 2010.

SETTI, Ricardo A. **Conversas com Vargas Llosa**. São Paulo: Brasiliense, 1986.